

A IDEIA  
*revista de cultura libertária*



# A IDEIA

*revista de cultura libertária*

**fundador e proprietário** João Freire

**consultor editorial** Artur Cruzeiro Seixas

**director e editor** António Cândido Franco

**editor gráfico** Luiz Pires dos Reis

**assist. prod. gráfica** Xénia Pereira Reis

periodicidade: *anual (número duplo ou triplo)*

**imagens (miolo)** Alex Januário, Almerinda Pereira, Angela Magnatta, Cláudia Rita Oliveira, Cruzeiro Seixas, Délio Vargas, Dominique Labaume, Isabel Meyrelles, José Smith Vargas, Margarida Vale de Gato, Maria Antónia Viana, Michael Löwy

**capa e contra-capas** CRUZEIRO SEIXAS [desenho de caderno pessoal, década de 90 (?)]

**agradecimentos para este volume** Alex Januário/Marcelo Finateli (*textos de Sílvia Guiard e Michael Löwy; transcrições de Lo Duca a Sergio Lima*); Almerinda Pereira (*íconografia*); revista *Análise Social* (*texto de José Pedro Zúquete*); revista *Anarchica* (*Amedeo Bertolo, Carlotta Pedrazzini, Paolo Finzi*); António Baião (*textos e imagens de A Sementeira, A Batalha e revista Renovação*); Biblioteca Nacional (*espólios de Cruzeiro Seixas e Luís Amaro*); Biblioteca Pública de Ponta Delgada (*espólio de Natália Correia*); Carlos Taibo (*texto e cronologia*); Cláudia Rita Oliveira (*fotogramas de Cruzeiro Seixas*), *Cruzeiro Seixas* (*texto de Cláudia Rita Oliveira*); Dominique Labaume (*fotografias*); Fundação Cupertino de Miranda (*imagens pessoais de Cruzeiro Seixas*); José Smith Vargas (*anúncio, jornal MAPA*) *Le Monde Libertaire* (*Guy Girard; Union Pacifiste de France; íconografia*); Luís Amaro (*espólio*); Luís de Moura Sobral (*catálogo da exposição de Montreal de 1984*); Marcos Farrajota (*anúncio d'A Batalha*); Mário Brochado Coelho (*íconografia de Maria Natália Duarte Silva*); Miguel Teotónio Pereira (*textos inéditos e íconografia de Maria Natália Duarte Silva*); Olinda Carolas (*traduções de Emma Goldman; Ida Mett; Janet Biehl; União Pacifista Francesa*); Raquel de Barros & Risoleta C. Pinto Pedro (*inédito e imagens de Jaime Salazar Sampaio*); Rui Sousa (*conversa com Cruzeiro Seixas e textos de Perfecto E. Cuadrado e Miguel Filipe Mochila*)

**endereço** rua dr. Celestino David n.º 13-C, 7005-389 Évora, Portugal

**endereço electrónico** [acvcf@uevora.pt](mailto:acvcf@uevora.pt)

**blogs** <http://aideialivre.blogspot.com>; <http://colectivolibertarioevora.wordpress.com>

**depositários** Livraria Letra Livre: *calçada do Combro, n.º 139, 1200-113 Lisboa*; Livraria Uni-Verso: *rua do Concelho, 13, 2900 Setúbal*; Livraria Alfarrabista – Miguel de Carvalho, *Adro de Baixo, 6, 3000 Coimbra*; Saco de Gatos: *Rua do Rosário n.º 281, 4050-525 Porto*

**impressão** Europress

**tiragem** 500 exemplares

**depósito legal** 365900/13

**registo do título** 104 197

**ISSN** 0870-6913

*A Ideia* é uma revista que faz da cultura o seu campo de acção. Através da criação poética e plástica, da expressão filosófica, da pesquisa social, da investigação histórica, da abertura a uma ciência humanizada, desligada dos interesses lucrativos do dispositivo industrial/militar, a publicação visa criar as bases dum espírito livre, criativo, gratuito e solidário, contributo efectivo para a realização plena de todos os seres vivos. Tirando este princípio geral, suficiente para lhe dar um propósito de acção, o libertário, e uma família de ideias, o *anarquismo cultural*, a revista não tem plataforma programática. As colaborações não solicitadas são desejáveis, embora sujeitas a validação; da sua edição ou não, a revista dará sempre nota ao autor. A responsabilidade dos textos assinados – incluindo traduções – cabe aos autores, respondendo o director pelos não assinados. Os trabalhos publicados, salvo indicação expressa em contrário dos autores, não têm direitos reservados e, sem intuídos comerciais, com indicação de autor/fonte, podem ser reproduzidos livremente. Não se segue nenhuma norma ortográfica e várias grafias do português podem coexistir. A revista aceita ainda publicar, sem tradução, textos em francês, castelhano, catalão, italiano e inglês.

CONDIÇÕES DE EXPEDIÇÃO DA REVISTA ENCONTRAM-SE NA ÚLTIMA PÁGINA

DESEJA-SE PERMUTA PIDESE CANJE ON DEMANDE L'ÉCHANGE CHIEDESI SCAMBIO  
WE ASK FOR EXCHANGE MAN BITTET UM AUSTAUSCH

<b>Limiar</b>	<b>7</b>
<i>Maria Paiva – Soneto</i>	<b>8</b>
<i>Beldiabo – Carta</i>	<b>9</b>
<b>Pedrogão Grande: É preciso ouvir Cassandra</b>	<b>10</b>
<i>Paulo Jorge Brito e Abreu – Cruzeiro Seixas</i>	<b>11</b>
<i>Cláudia Rita Oliveira – Artur – O Homem Poeta</i>	<b>12</b>
<i>Vários – Conversa com Cruzeiro Seixas</i>	<b>13</b>
<i>Virgílio Martinho – El Jovem Azul</i>	<b>22</b>
<i>Fernando J. B. Martinho – Virgílio Martinho: Poeta</i>	<b>24</b>
<i>Miguel Real – Virgílio Martinho</i>	<b>27</b>
<i>Cristina Dias – Mário Cesariny/Natália Correia</i>	<b>32</b>
<i>Luís de Moura Sobral – A Retrospectiva Surrealista de Montreal</i>	<b>36</b>
<i>Fernando Alves dos Santos/Cruzeiro Seixas – Correspondência</i>	<b>41</b>
<i>Luiz Pacheco/ Fernando de Paços – Correspondência</i>	<b>44</b>
<i>Sofia Santos – Luiz Pacheco/Luís Amaro</i>	<b>47</b>
<b>Documento da Intervenção Surrealista em Portugal [1967]</b>	<b>52</b>
<i>J. M. Lo Duca – Duas Cartas a Sergio Lima [1967]</i>	<b>53</b>
<i>Isabel Mendes Ferreira – Fernando Ribeiro de Mello</i>	<b>55</b>
<i>Perfecto E. Cuadrado – Portugal, Surrealismo</i>	<b>57</b>
<i>Manuel Tavares Rodrigues-Leal – Dois poemas</i>	<b>65</b>
<i>Miguel F. Mochila – Eugénio de Castro, precursor do surrealismo?</i>	<b>66</b>
<i>José Nunes da Rocha – Notas para uma Heteronímia</i>	<b>72</b>
<i>Henrique Manuel Bento Fialho – Quarta-feira de Cinzas</i>	<b>73</b>
<i>Amadeu Baptista – Três poemas</i>	<b>75</b>
<i>Fernando Venâncio – O Saque</i>	<b>76</b>
<i>Alexandre Vargas – Dois Sonetos</i>	<b>77</b>
<i>Maria Estela Guedes – Psico</i>	<b>78</b>
<i>Emma Goldman – Recordações de Kropotkine</i>	<b>79</b>
<i>Ida Mett – Uma Terceira Revolução Soviética</i>	<b>85</b>
<b>Manifesto dos Sublevados de Cronstadt [Março de 1921]</b>	<b>89</b>
<i>Emma Goldman – Memorial de Cronstadt</i>	<b>91</b>
<i>Carlos Taibo – Para entender lo ocurrido entre 1917 y 1921</i>	<b>96</b>
<b>– Cronologia [1861-1922]</b>	<b>100</b>
<b>Conversa com Carlos Taibo</b>	<b>101</b>

<i>J. M. Carvalho Ferreira</i> – <b>Contradições e Equívocos da Revolução Russa</b>	102
<i>Ana da Palma</i> – <b>Dez Dias que Abalaram o Mundo</b>	113
<i>Júlio Henriques &amp; outros</i> – <b>A Questão Camponesa</b>	118
<i>Joëlle Ghazarian</i> – <b>Dois Poemas</b>	124
<i>António Baião</i> – <b>A Revolução Russa na Imprensa Operária</b>	125
<i>Hilário Marques</i> – <b>Editorial d’<i>A Sementeira</i> [Fevereiro, 1919]</b>	127
<i>Jaime Brasil</i> – <b>Sobre um livro de José Carlos Rates [1924]</b>	128
<i>Ferreira de Castro</i> [?] – <b>Nono Aniversário da Revolução Russa [1925]</b>	130
<i>Gabriel Rui Silva</i> – <b>Manuel Ribeiro e Eduardo Metzner</b>	131
<i>Paulo Eduardo Guimarães</i> – <b>O Iconoclasmo Acrata na década de 20</b>	136
<b>Um Documento Eborense de 1921</b>	140
<b>Juventudes Sindicalistas Portuguesas – Declaração de 1926</b>	142
<i>Manuel Hipólito Almeida Santos</i> – <b>As Prisões Portuguesas</b>	143
<i>Paulo Borges</i> – <b>Desaforismos</b>	147
<i>Fátima Vale</i> – <b>4 dilúvios de bolso</b>	150
<i>José Pedro Zúquete</i> – <b>O Anarquismo está de Volta?</b>	152
<i>João Freire</i> – <b>A Acção anarquista, Hoje e há Cem Anos</b>	164
<i>Jorge Leandro Rosa</i> – <b>Forjar o Regresso do Anarquismo</b>	172
<b>Entrevista com a União Pacifista de França</b>	179
<i>Henry David Thoreau</i> – <b>Amizade</b>	183
<i>António Cândido Franco</i> – <b>Thoreau e a Moderna Tradição Libertária</b>	184
<i>Maria Antónia Lima</i> – <b>A Contradição é uma Libertação</b>	188
<i>Manuel Neto dos Santos</i> – <b>Figurações do Real</b>	192
<i>José Pais de Carvalho</i> – <b>A Face da Luz</b>	193
<i>Francisco Cardo</i> – <b>Dois Poemas</b>	194
<i>Manuel Silva Ramos</i> – <b>Baptista-Bastos [1932-2017]</b>	195
<i>Maria Natália Duarte Silva</i> – <b>Dois contos inéditos</b>	197
— poema	203
<i>Maria Braga &amp; Maria Paiva</i> – <b>Poesia de Maria Natália Duarte Silva</b>	204
<i>Mário Brochado Coelho</i> – <b>O Sonho e a Morte</b>	209
<i>Padre Mário de Oliveira</i> – <b>Carta a Miguel Teotónio Pereira</b>	210
<i>José Dias</i> – <b>Mater et Magister</b>	211
<i>José Carlos Costa Marques</i> – <b>Atravessando as Idades</b>	213
<i>Miguel Teotónio Pereira</i> – <b>Primeiro Poema, caso seja 1 Poema</b>	215
<i>Raquel de Barros</i> – <b>J. Salazar Sampaio (Os Bastidores do dramaturgo)</b>	218
<i>Jaime Salazar Sampaio</i> – <b>Inédito comentado por Risoleta C. Pinto Pedro</b>	224
<i>João Carlos Raposo Nunes</i> – <b>Jaime Salazar Sampaio</b>	226
<i>Risoleta C. Pinto Pedro</i> – <b>O Homem Drama</b>	227
<i>João Sousa</i> – <b>poema de comboio #69</b>	231

<i>André Alves</i> – “Que o teu nome fosse o tempo”	232
<i>Beatriz de Almeida Rodrigues</i> – “as meninas de foucault giram e giram”	233
<i>Emanuel Madalena</i> – Dois Poemas	234
<i>Inês Francisco Jacob</i> – Salvé	235
<i>Marta Esteves</i> – Dois Poemas	236
<i>Nuno Mangas-Viegas</i> – Setembro: as suas Cabeças	237
<i>Vasco Macedo</i> – Tempo da Septuagésima	238
<b>LEITURAS &amp; NOTAS</b>	<b>239</b>
<i>Hilário Marques</i> – Editoriais d’ <i>A Sementeira</i> [1918/19]	239
<b>Museu Kropotkine</b> [texto de 1924 – <i>A Batalha</i> ]	241
<i>José Manuel Martins</i> – Olhos de Luz Acesa	243
<i>Carlos Júlio</i> – Sobre um Livro de Carlos Taibo	248
<i>Teófilo Braga</i> – Adriano Botelho [1892-1982]	250
<i>Júlio Henriques</i> – Carlos da Fonseca [1940-2017]	252
-- <b>Duas Notas de Leitura</b> [Marc Badal e H. Martins de Carvalho]	252
<i>Janet Biehl</i> – Paradoxos da Luta do Povo Curdo	255
<i>Amedeo Bertolo</i> – A História do “A” dentro dum Círculo	258
<i>António Cândido Franco</i> – Camus Libertaire	259
<i>Silvia Guiard</i> – Buenos Aires: Surrealismo en la lucha contra la Dictadura	263
<i>Michael Löwy</i> – Benjamin Péret e a Comuna dos Palmares	273
<i>A. Cândido Franco</i> – Cândido Costa Pinto [1911-1976]	279
-- <b>Mário Cesariny e a revista <i>Seara Nova</i></b>	<b>280</b>
<i>Rui Sousa</i> – James Douglas Morrison	282
<i>Jorge Martins</i> – A Inquisição e o Judaísmo em Belmonte	287
<i>Pedro Martins</i> – Agostinho da Silva, o Marrano do Divino	291
<i>Sofia A. Carvalho</i> – Triénio: Teixeira de Pascoaes	293
<i>Luís Andrade</i> – Outra História: Revistas e Itinerários Digitais	294
<i>António Baião</i> – A Aporia Libertária e as Revistas Anarquistas	297
<b>Editorial da revista <i>A Ideia</i> n.º 30/31 (Outono de 1983)</b>	<b>300</b>
<b>ARQUIVO &amp; REGISTO</b>	<b>301</b>
<b>Novos Colaboradores</b>	<b>309</b>

## O ICONOCLASMO ACRATA E A CRISE DA CONSCIÊNCIA REVOLUCIONÁRIA EM PORTUGAL NOS ANOS 20

PAULO EDUARDO GUIMARÃES

A revolução russa de Novembro de 1917 foi vista pelos contemporâneos como sendo o resultado direto do conflito mundial (1). Contrariamente ao que todos esperavam, a guerra total prolongou-se durante mais de quatro anos, pondo à prova a resiliência das sociedades europeias e as estruturas de poder dos Estados. Da desagregação dos velhos impérios na Europa central nasceram novas unidades políticas republicanas patrocinadas pelas potências vencedoras e apoiadas pelas burguesias nacionais. Entre os revolucionários sociais, a expectativa de um colapso generalizado da civilização burguesa deu lugar à frustração quando se percebeu que as sociedades capitalistas avançadas tinham sido capazes de reagir com sucesso às múltiplas ameaças internas e externas. Assim, ao contrário do que Marx defendera na sua teoria da História, sacralizada pelos partidos socialistas e sociais-democratas, as ameaças revolucionárias à ordem burguesa não emergiam nos países de maior desenvolvimento industrial, técnico e científico mas encontravam-se nas *periferias* onde uma estabilidade precária fora alcançada no quinquénio subsequente ao fim da guerra, entre 1918-1922 (2).

O processo revolucionário que conduziu à dissolução do Império czarista, que tornou inviável a república burguesa parlamentar saída revolução russa de Fevereiro e, que, finalmente, levou à construção do Estado soviético decorre e estrutura-se ao longo desse período conturbado, marcado pela violência extrema gerada pelas guerras imperialistas e, depois, pela hostilidade aberta das elites nacionais e das grandes potências à revolução social que triunfa na Rússia. São elas que patrocinam e cooperam com as forças reacionárias que saíram vitoriosas por toda a Europa, embora derrotadas na guerra civil russa (1917-1922). Em 1919, com o malogro da insurreição espartaquista na Alemanha (Janeiro de 1919), das repúblicas soviéticas na Hungria e Eslovénia, com a guerra civil na Finlândia e, no ano seguinte, com o desenlace fascista na Itália, na sequência do *Bienio Rosso* (1919-1920), enfim, com a incoerência do *Triénio Bolchevista* em Espanha (1919-1921), o Estado soviético russo teve de lidar militarmente com as crescentes dificuldades resultantes do seu isolamento internacional e com insurreições de vários tipos nos territórios do antigo Império, algumas delas bem-sucedidas como aconteceu na Polónia entre 1919 e 1921.

A criação da U.R.S.S. em 1922 sob direção do Partido Comunista que, desde cedo, controlou os soviets e impôs um regime de “ditadura do proletariado”, deve ser vista num quadro analítico mais geral, considerando a complexa estabilização da nova “ordem internacional” entre as duas guerras mundiais. Esta ordem foi responsável simultaneamente pelo isolamento do novo Estado e pela sua emergência como Estado líder revolucionário. Nesse processo, os bolcheviques criaram o Comintern – a Internacional Comunista ou III Internacional (1919-1943) –, e desenvolveram uma nova ideologia de combate e mobilização social: o marxismo-leninismo.

A fome de 1921-1922 que atingiu de forma aguda as regiões cerealiíferas do Volga e o sul da Ucrânia, como resultado direto das secas, das perturbações da guerra civil e das exações violentíssimas levadas a cabo pelo Exército Vermelho no período do “comunismo de guerra”, desembocou no regresso ao capitalismo de mercado. Em Março de 1921, o Partido Comunista russo sob proposta de Lenine, aprovava a Nova Política Económica no seu 10º Congresso que vingaria até à sua abolição por Estaline em 1928.

Em Portugal, a clarificação sobre a natureza do regime soviético, até então perturbada pela falta de informação devido à guerra que se prolongava no distante Leste europeu e às barreiras linguísticas e culturais, ocorre nos meios operários nestes anos (3). Em 1919, a opinião veiculada nos meios operários era favorável à ação dos bolchevistas russos e acreditava-se que a revolução social na Europa e nas Américas estaria próxima. O anarquista Eduardo Metzner (1886-1922) escreveu nesse ano *A verdade sobre a revolução russa* depois de ter traduzido *A Constituição política da República dos Soviets*, prefaciado por L. Trotsky, texto que parecia materializar os ideais do federalismo libertário (Silva-2014). A Biblioteca de Propaganda Social anunciava esses dois títulos sobre a nova Rússia e outro intitulado *Os Precursores e Caudilhos da República Social: Bakunine, Kropotkine, Trotsky, Lenine e Gorki* na contracapa do folheto de divulgação da música e letra do hino revolucionário d’*A Batalha*, o órgão confederal saído do 2.º Congresso Operário Nacional (Coimbra, Setembro de 1919): *Surgindo vem ao longe a Nova Aurora*. Não surpreende, por isso, que o *Bandeira Vermelha*, órgão da Federação Maximalista, tomasse então como sinónimos bolchevismo, anarquismo e sindicalismo.

Os dois anos seguintes seriam decisivos para estabelecer uma atitude de oposição crítica face ao novo regime. A campanha de solidariedade para com os “famélicos russos” levada a cabo pelo jornal da C.G.T. revela a atenção que era dada àquela região do mundo mas constituiu um ponto de viragem crítico no debate sobre a revolução social a Oriente. Um dos folhetos do explorador e humanista Fridtjof Nansen (1861-1930) foi publicado pel’ *A Batalha* com o

título *A Fome na Rússia: causa e efeitos* (1922), o qual deixava de fora a parte da responsabilidade que cabia aos bolcheviques sobre a fome extrema que atingiu cerca de 37,5 milhões de camponeses do Volga, devido às requisições violentas levadas a cabo pelo Exército Vermelho nos anos de guerra que precederam e acompanharam os dois anos de secas (4). Não parecem ter sido produzidos ou publicadas as fotografias chocantes que Nansan capturou e que circulavam noutros países ocidentais na forma de postais (5). Seja como for, a campanha internacional de angariação de fundos obteve em Portugal magros resultados, apesar das orientações enviadas por Prefeito de Carvalho a partir de Paris. Este militante, que tinha sido enviado em delegacia sindicalista à Rússia com a missão de relatar os acontecimentos naquele país e avaliar sobre a natureza revolucionária e emancipadora da nova ordem social, manteve-se em Paris, defendendo a “ditadura do proletariado”.

Contudo, logo em Janeiro de 1922, *A Batalha* publicava com destaque as resoluções aprovadas do Congresso Anarquista Internacional realizado em Berlim. Os anarquistas declararam-se então “contra toda a ditadura quer seja ela exercida pelos da «direita» quer pelos da «esquerda»” (*A Batalha*, n.º 980, 31-1-1922) e reiteraram os seus princípios de organização anticapitalista com base no federalismo. Demarcavam-se também da burocracia sindicalista, defendendo a profissionalização dos funcionários administrativos e separando-a dos cargos sindicais para afastar o perigo do controlo faccioso pelas direções (“os donos dos sindicatos”). Manifestavam-se, enfim, contra a Internacional Sindical Vermelha (ISV), identificada como organização de fachada da Internacional Comunista (IC), defendendo a independência dos sindicatos. A ação dos sindicalistas deveria ser orientada para defender as aspirações operárias e não para obedecer a diretrizes superiores. Os mesmos princípios levaram-nos a criticar os organismos filiados na Internacional de Amesterdão (1919-1945) bem como a Federação Americana do Trabalho, chefiada por Samuel Gompers (1850-1924), que alinhava então na ofensiva patronal contra os *Wobblies* da IWW (*Industrial Workers of the World*). Essas duas organizações estavam “corroídas pelo vírus colaboracionista e reformista” (*A Batalha* n.º 980, 31-1-1922).

Em finais de 1921, os anarquistas não tinham já ilusões sobre a natureza contrarrevolucionária do Estado comunista russo e da sua estratégia de subordinação e controle do movimento operário a Ocidente. No entanto, a assunção plena desta visão irreconciliável com o bolchevismo nos meios sindicais encontrava-se já patente no Congresso Operário da Covilhã (1922) no debate aceso sobre a proposta de adesão da C.G.T. à I.S.V. e tornar-se-ia irreversível nos anos que antecederam o golpe militar das direitas em 1926. Tratava-se agora de defender posições junto dos trabalhadores, de responder à propaganda sedutora que mitificava os sucessos da nova sociedade, temida e vilipendiada pelas forças conservadoras e liberais. A publicação da obra que relata o papel dos anarquistas na Revolução soviética russa e a forma como foram aniquilados ou presos, *a Repression de l'Anarchisme en Russie Soviétique* pelo Grupo de Anarquistas Russos Exilados na Alemanha, aparece apenas em 1923. A lista nominal e biográfica de 181 anarquistas russos “vítimas do poder comunista, fuzilados, assassinados ou mortos na prisão” surge graças à tradução de Voline (Vsevolod Mikhailovich Eikhenbaum, 1882-1945) como denúncia na altura em que a C.G.T.U. francesa decide aderir à I.S.V.

Ora, esta reação combatente dos sindicalistas revolucionários e dos anarquistas face aos comunistas partidários no seio das organizações operárias constituiu um epifenómeno da crise da consciência revolucionária que emergiu no final da guerra. Três elementos estruturantes e interdependentes se destacam nessa crise decorrente da I Guerra Mundial: o primeiro diz respeito às representações sobre a revolução, em especial, sobre o momento em que ela poderia ocorrer; o segundo refere-se ao modo em como ela decorreria e ao papel da violência nesse processo; o terceiro diz respeito à hipótese libertária, às referências culturais e à representação do anarquista, por um lado, e ao destino do credo leninista, por outro.

Em Fevereiro de 1920, a instabilidade política e agitação social em Portugal e por toda a Europa pareciam indiciar que a revolução social estaria iminente. Sobral de Campos, escrevia no órgão confederal um artigo com o título esclarecedor “Preparemo-nos!”, onde defendia o que muitos acreditavam: “a Revolução Social é inevitável, e avizinha-se. Cada dia que decorre, cada hora que passa, faz galgar distâncias enormes, galga estradas que nos parecem infundáveis. Os acontecimentos precipitam-se, as etapas ardem.” (*A Batalha*, 13-2-1920). A C.G.T. preparava então a Liga Operária de Expropriação Económica e, nesta altura, o sindicalista José Carlos Rates (1879-1945), que iria fundar o Partido Comunista, falava da necessidade imperiosa duma ditadura se “se pretendesse levar por diante um programa de socialização da economia”. Também no 1.º Congresso das Juventudes Sindicalistas realizadas em Lisboa em 1921 proclamava-se, como princípio, “a violência como único meio de ação para destruir a sociedade burguesa” e preconizava, “os princípios sindicalistas revolucionários como meio de luta económica e de ação adentro da atual sociedade, educando-se e preparando-se para receber um novo regime social que, tendo por sistema político o anarquismo, e como regime económico e social o comunismo-anárquico, satisfaça os princípios ideológicos concebidos pela juventude proletária de hoje, almejando pela verdadeira Pátria Proletária dum amanhã muito próximo.” (*A Batalha*, n.º 657, 31-1-1921, p.1). A ideia de que a Nova Aurora estaria iminente era então inquestionável para muitos militantes sociais. De tal forma que, na mesma conferência, o núcleo juvenil dos Metalúrgicos achou por bem

registar o seu repúdio pelo “caminho seguido de se discutir muito entre militantes operários de como será a sociedade amanhã e não darem um passo para preparar o proletariado para essa revolução”. (*A Batalha*, n.º 658, 2-2-1921, p. 1).

Em breve, o sindicalismo revolucionário e o anarquismo, tal como os socialistas e sociais-democratas europeus, seriam vistos pelos comunistas/bolcheviques como parte integrante da falência intelectual dos teóricos da emancipação humana, materializada nas organizações que produziram e nas ações que desenvolviam. Fascinados pelas vitórias do Exército Vermelho e pelas novas experiências sociais, viam que as ‘velhas táticas’ da social-democracia e do socialismo não tinham sido capazes de impedir o holocausto levado a cabo pelas aristocracias e burguesias europeias, nem de transformar a guerra imperialista numa guerra de classes. O debate aceso desencadeado em torno da adesão da C.G.T. à I.S.V. pelos subscritores do manifesto *Berlim ou Moscovo*, liderados pelos sindicatos arsenalistas, atravessou o Congresso Operário da Covilhã (1922) e refletia as frustrações com um movimento que parecia atolado na estratégia da ‘greve geral’ insurrecional como meio de levar a cabo o seu programa revolucionário.

A evolução dos acontecimentos na Europa, a derrota dos anarquistas italianos e a ascensão do fascismo, o reconhecimento crítico da nova sociedade soviética, obrigou os anarquistas a repensar as suas representações. Na Conferência Anarquista da Região Portuguesa, realizada em Março de 1923, os anarquistas reconheciam a necessidade desse grande momento violento que iria derrubar a ordem burguesa mas afirmavam-se contra toda a espécie de Estado, mesmo que seja transitório, de partidos ou de classe (“Conceção do Anarquismo perante a Revolução Social e a Ditadura do Proletariado”, *A Comuna* II, n.º 2, 25-3-1923). A sua posição constituía um ataque violento aos leninistas. Diziam eles, “devemos desmascarar estes hipócritas e maus neomarxistas que ousando levantar o grito de revolta contra a sociedade capitalista, não querem afinal mais do que implantar um novo regime de opressão que, como na Rússia, encarcerará os anarquistas que se rebelarem contra o seu nefasto poder”. Em face da Ditadura do Proletariado, os anarquistas manifestavam “a sua franca hostilidade, combatendo-a pelos mesmos processos e com as mesmas armas usadas contra a presente sociedade”. Os anarquistas afastavam-se igualmente da forma como os bolcheviques atuavam contra os “inimigos de classe”. Em Março de 1924, o Grupo Comunista Libertário “O Universo”, de Évora, ao mesmo tempo que preconizava, através da ação revolucionária, a criação de comunas e a extinção de todo o tipo de privilégios, desde logo recusava admitir nesse processo “a eliminação física dos antigos opressores”. No princípio desse ano, *A Comuna* tinha já clarificado a posição da União Anarquista Portuguesa (UAP) relativamente à “Atitude dos Anarquistas perante a Revolução Social” (*A Comuna*, n.º 43, 6-1-1924). Nele se afirmava perentoriamente que “o erro fundamental dos revolucionários consiste em considerar a Revolução Social como um facto decisivo”. Pelo contrário, “os anarquistas consideram que a revolução social marcará diversas fases tendentes ao aniquilamento de todas as formas de governo”. Os anarquistas eram agora considerados como utópicos e irrealistas: “os partidários da revolução imediata afirmam que pela propaganda do ideal anarquista só ao fim de muitos séculos talvez se conseguirá atingir o nosso fim” (A. P. Matos, “A Revolução Imediata e a Revolução Social”, *A Comuna*, II, n.º 16, 1-7-1923).

Essa nova imagem dos anarquistas aparece na obra de Rades em que relata a sua viagem à Rússia em 1924. A sua visão crítica não era tributária desse folheto escrito por Lenine em Abril 1920 sobre a “doença infantil do comunismo”, que foi distribuído aos delegados do II Congresso da Internacional Comunista, mas resultava provavelmente de ideias estereotipadas correntes nos meios bolcheviques, confirmada pela sua leitura da obra do anarquista Victor Serge (1890-1947), *La ville en danger, Petrograd l’an II de la révolution* que foi publicada em Paris pela Librairie du Travail no ano da sua viagem (Rades, 1976: 111-12) (6). Reconhecia ele que os libertários tiveram uma parte muita ativa na Revolução Russa mas que o seu “espírito é dado a perpétuos voos, e as suas habituais consequências desastrosas”, não abdicando dos seus valores mesmo contra o bom senso em situações quotidianas. No essencial, para Rades a Revolução Russa tinha demonstrado que ser revolucionário pressupunha a disponibilidade para exercer a violência extrema contra outros seres humanos, como eram as execuções sumárias contra inimigos e traidores, em nome de um bem superior. A Revolução Russa, a grande revolução proletária, enfileirava nas grandes revoluções violentas do passado: a Francesa, a Americana, a Inglesa. Ele não tem, por isso, outro comentário quando se depara com um funcionário da tenebrosa Tcheka que não seja o de notar o seu impecável e distinto traçar. E não deixa de se maravilhar com as generosas ofertas (sic) que os camponeses ucranianos dão aos funcionários do Partido nas suas *tournées* de propaganda (Rades, 1976: 212-13). Nessa obra destinada a formar militantes comunistas, Rades relatava em poucas páginas o que lhe tinham contado e mostrado. Enfim, pelos seus princípios sublimes e humanistas, os anarquistas não estariam assim preparados para lidar com esta realidade imposta pela História. E como resultado dessa revolução proletária, ele via nascer uma nova civilização e um país em curva ascendente, embora cercado de baionetas, e objeto de calúnias e insultos. A Rússia “romperá inexoravelmente o círculo de ferro que a estreita e imporá a sua civilização”. Seriam assim as realizações soviéticas que iriam redimir os erros e os excessos próprios duma ditadura do proletariado e que dariam alento aos militantes comunistas, nos países capitalistas, a estratégia de participação parlamentar, e de infiltração e conquista dos sindicatos por dentro.

Nos anos que antecedem a ditadura militar, Manuel Joaquim de Sousa, na qualidade de secretário-geral da C.G.T. desenvolverá uma luta ideológica notável na defesa dos princípios do anarcossindicalismo, na reorganização do movimento segundo essas bases saídas do Congresso de Coimbra (1919) e contra as forças dissolventes internas, nas quais se destacavam a ação dos “moscovitários” dentro dos sindicatos e dentro das Juventudes Sindicalistas (7). Em Abril de 1926, nas vésperas do 2.º Congresso das Juventudes, o Partido Comunista é considerado “contrarrevolucionário e prejudicial à luta revolucionária dos trabalhadores em prol da sua emancipação” e o Partido Socialista “um partido burguês e portanto incapaz de conduzir os trabalhadores à sua libertação.” A simples ideia de colaboração com os comunistas é rejeitada. Afinal, para os libertários, a Revolução Russa tinha enganado muito boa gente (v. documento anexo).

**Notas:** 1.) O social-democrata alemão Paul Lensche (1873-1926) oferece-nos uma visão da transformação social que a guerra prometia à escala mundial, iludindo-se sobre o papel de liderança que a Alemanha iria desempenhar no desenlace do conflito (Lensche, 1918: 1/2). Os socialistas Paul Vandervelde (1866-1938) e John Reed (1887-1920), tal como o jornalista americano Albert Rhys Williams (1883-1962) observaram os acontecimentos na Rússia de forma favorável aos bolcheviques ainda no período do “comunismo de guerra” (Reed, 1919; Williams, 1921). Na obra de Vandervelde, que seria traduzida para português e publicada pela editora Spartacus em 1925, a violência revolucionária é tratada compreensivamente, invocando o lastro histórico das grandes revoluções sociais dos séculos XVIII e XIX (Vandervelde, 1918: 237). Para uma leitura académica da evolução histórica da revolução russa feita nos anos 20 veja-se a obra de James Mavor (1928) e, posteriormente, a obra de Carr (1958). Uma síntese historiográfica recente encontra-se em Figes (1996). 2.) Uma análise histórica deste período na Europa encontra-se, por exemplo, em Maier (1988). 3.) Sobre o impacto da Revolução Russa na opinião pública em Portugal, as diferentes leituras dos acontecimentos e dos poucos relatos de militantes enviados em missões à Rússia veja-se Ventura (1981), Ferreira (2011), Vilhena (2013) e Leal (2017). 4.) Os problemas da política coletivista levada a cabo pelo Partido Comunista Russo na Ucrânia foram tratados na 8.ª Conferência (2-4 Dezembro de 1919). Jakovliv, Secretário do Conselho dos Comissários do Povo, atribuiu ao fracasso ao facto de não se terem considerado as condições dos camponeses ucranianos que, depois de sofrerem a ocupação alemã, não viam nenhuma melhoria face ao período czarista. A região do Volga e da Ucrânia foram esgotadas para salvar a Rússia soviética que enfrentava a fome. Em breve, os camponeses levantaram-se contra o poder soviético (Nakai, 1981). O conhecimento entre os meios anarquistas portugueses sobre a revolução maknovista não é anterior a 1926 (Makno, 1926). 5.) A ação de Nansen e a ajuda da americana através da A.R.A. (*American Relief Administration*, constituída pelo Congresso dos E.U.A em Fevereiro de 1919) tinha sido decisiva para salvar da fome milhares de europeus até 1922. Nansen, que criou o Comité Internacional para Ajuda à Rússia (1921), defendia a integração do país soviético na ordem internacional e a necessidade de investimento externo para a reconstrução da Eurásia, apesar do governo russo se recusar a assumir a sua dívida externa. A ação da A.R.A., liderada por Hoover (futuro presidente dos E.U.A.) estendeu-se na U.R.S.S. até 1923 e, em conjunto com outras organizações, terão livrado da morte 10 milhões de pessoas. A estimativa dos mortos pela fome e doenças associadas varia entre 5 a 10 milhões de indivíduos. Muitos camponeses recorreram ao canibalismo para sobreviverem. 6.) Sobre o percurso militante de V. Serge veja-se Price (2007). 7.) Sobre a evolução organizacional e os problemas internos da C.G.T. veja-se Teodoro (2013), Guimarães (2007) e Freire (1997).

#### Referências bibliográficas:

- Carr, Edward Hallett (1958) - *An History Of Soviet Russia Socialism In One Country 1924-1926*. Nova Iorque: The Macmillan Company;
- Ferreira, Pedro Soares (2011) *Entre o terror e a esperança. A Revolução Russa na sociedade portuguesa, 1917-1921*. Casal de Cambra: Caleidoscópio; Figes, Orlando (1996) *A People's Tragedy: The Russian Revolution: 1891-1924*. Londres: Jonathan Cape; Freire, João (1992) *Anarquistas e Operários. Ideologia, ofício e práticas sociais: o anarquismo e o operariado em Portugal, 1900-1940*. Porto: Afrontamento; Guimarães, Paulo Eduardo “Cercados y perseguidos: La Confederación General del Trabajo (CGT) en los últimos años del sindicalismo revolucionario em Portugal (1926-1938)”. In Mercedes Gutiérrez Sánchez; Diego Palacios Cereales (eds.), *Conflicto político, democracia y dictadura. Portugal y España en la década de 1930*, Madrid, Centro de Estudios Políticos y Constitucionales, pp. 199-241; Leal, Ernesto Castro (2017) “A Revolução Russa de Outubro de 1917 e os primórdios do regime comunista: aspectos da recepção pública e da dinâmica política em Portugal (1917-1926)”, *Historia Crítica*, Bogotá, 64: 39-60;
- Lensche, Paul (1918) *Three Years of World-Revolution*. Londres: Constable & Company Ltd.; Maier Ch. S.: (1988) *La refundación de la Europa burguesa. Estabilización en Francia, Alemania e Italia en la década posterior a la Primera Guerra Mundial*. Madrid, Ministerio de Trabajo y Seguridad Social; Makno, Nestor (1926) *The Russian Revolution in Ukraine (March 1917-April 1918)*. The Anarchist Library; Mavor, James (1928) *The Russian Revolution*. Londres: George Allen & Unwin Ltd.; Nakai, Kazuo (1982) “Soviet Agricultural Policies in the Ukraine and the 1921-1922 Famine”, Harvard Ukrainian Studies, VI (1), Cambridge, Harvard University; Ukrainian Research Institute; Rates, José Carlos (1976) *A Rússia dos Soviéticos* (1925). 2ª Edição Lisboa: Seara Nova, 1976 - prefácio de César de Oliveira; Silva, Gabriel Rui (2014) *Eduardo Metzner – Vida e Obra de um Sem-abrigo*, Editora Licorne; Teodoro, José Miguel de Jesus (2013) *A Confederação Geral do Trabalho (1919-1927)*. 2 vols. Lisboa: UL/FL Diss. doutoramento em História Contemporânea; Valdervelde, Emile (1918) *Three Aspects of the Russian Revolution*. 1.ª ed., Londres: George Allen & Unwin Ltd.; Ventura, António (1981) “Os primeiros contactos. Portugal e a Rússia soviética”, *História*, 30: 44-46; Vilhena, Marcos Nunes de (2013) *Recepção e Percepção da Revolução Russa na Crise do Sistema Demoliberal Português. Uma Análise de Imprensa*. Lisboa: ISCTE-IUL; Wayne Price (2007) *Victor Serge and the Russian Revolution*. The Anarchist Library; Williams, Albert Rhys (1921) *Through the Russian Revolution*. New York: Boni & Liveright.



---

## UM DOCUMENTO EBORENSE DE 1921

---

No dia 14-8-1921 o quinzenário eborense *Avante!* [com subtítulo “Precursor da sociedade Igualitária”, Ano I, n.º 2], propriedade do Grupo Editor “*Avante!*”, publicava [em tradução não assinada] um apelo dos anarco-sindicalistas russos para a defesa da revolução russa, mas já muito crítico do regime implantado pelo partido bolchevique. Em Portugal os ecos da revolução russa ainda estavam muito vivos entre os trabalhadores mais conscientes, embora muito deles já se comesçassem a aperceber de que a nova ditadura “do proletariado” era cada vez mais uma ditadura dos bolcheviques sobre o restante movimento operário e popular. Em Agosto de 1921 já tinha sido esmagada com mão de ferro, por Lenine e Trotsky, a revolta dos marinheiros revolucionários de Cronstadt; as prisões já estavam cheias de anarquistas e a maior parte das suas sedes e jornais fechados; é também em Agosto de 1921 que o movimento revolucionário ucraniano liderado por Nestor Makno é esmagado pelos bolcheviques e os seus principais dirigentes obrigados a deixarem a Ucrânia. Apesar deste contexto, os anarquistas russos tentam ainda salvar a revolução da sua deriva autoritária e pedem apoio internacional. Não o vão conseguir. A ditadura “soviética” reforça-se nos meses e anos que se seguem e muitos milhares de anarquistas e anarco-sindicalistas pagam com a liberdade e com a vida a sua fidelidade aos ideais revolucionários. Uma ditadura que se manterá de pé durante várias décadas, mantendo sempre características imperialistas, que levaram o “comunismo de Estado” a implantar-se em diversos países. Já decadente e com menos vigor ideológico e repressivo do que em décadas anteriores, a ditadura dita “soviética” implodiu em finais da década de 80 deixando apenas saudades a alguns sectores mais extremistas e radicalizados do marxismo-leninismo para quem a “União Soviética” era “o sol do mundo”. [CARLOS JÚLIO]

**PELA LIBERDADE CONTRA A DITADURA**

**Um apelo dos anarquistas russos ao proletariado de todos os países**

Camaradas: a guerra imperialista de quatro anos e a guerra civil que dura quasi três redoziram o nosso país a um estado de completa miséria.

A guerra civil, que tem esgotado todas as energias da Rússia revolucionária, não é motivada somente pela contra-revolução interna, nem somente pela burguesia russa; os maiores responsáveis desta guerra são os governos rapaces da Entente, que não perdem ocasião, por pequena que seja, de procurar esmagar a nossa revolução.

A Entente atacava-nos e continua a atacar-nos, directa e indirectamente. Ela apoderava-se há pouco do norte da Rússia; ela sustentava abertamente as legiões checoslovacas na Sibéria; ela mantinha Koltchak, Denikine e Yudenitch; ela ajudava contra nós os pequenos estados vizinhos, e ela, com o seu infame bloqueio, impunha a fome a nossos filhos. Mas todos esses ardis e ainda muitos mais, fracassaram ante a resistência e o valor do proletariado revolucionário. Contudo, a Entente, poderosa, dona do mundo, não depôs as armas, não perdeu a esperança de restabelecer a pútrida democracia.

Além disso, ajudou o general do antigo império, o barão Wrangel, a congregar as forças contra-revolucionárias; lançou contra nós a Polónia, incitou a Roménia, a Hungria e outros países, e continua ainda fornecendo oficiais, armas e dinheiro a todos os inimigos da Rússia revolucionária.

Companheiros: o nosso heróico povo tem-se extenuado na luta, morre de fome, carece de medicamentos e aspira à paz e à normalização da sua vida económica. Para isso necessita do vosso apoio, do vosso energético socorro revolucionário.

Ajudai-nos, quanto antes!

Nós, anarquistas-sindicalistas da Rússia, mau grado as perseguições que sofremos da parte do governo socialista, apesar do nosso completo desacordo com a política do partido governamental,

**PELA LIBERDADE CONTRA A DITADURA**

[Um Apelo dos Anarquistas Russos ao Proletariado de todos os Países]

Camaradas: a guerra imperialista de quatro anos e a guerra civil que dura [há] quase três reduziram o nosso país a um estado de completa miséria.

A guerra civil, que tem esgotado todas as energias da Rússia revolucionária, não é motivada somente pela contra-revolução interna, nem somente pela burguesia russa; os maiores responsáveis desta guerra são os governos rapaces da Entente, que não perdem ocasião, por pequena que seja, de procurar esmagar a nossa revolução.

A Entente atacava-nos e continua a atacar-nos, directa e indirectamente. Ela apoderava-se há pouco do norte da Rússia; ela sustentava abertamente as legiões checoslovacas na Sibéria; ela mantinha Koltchak, Denikine e Yudenitch; ela ajudava contra nós os pequenos Estados vizinhos, e ela, com o seu infame bloqueio, impunha a fome a nossos filhos. Mas todos esses ardis e ainda muitos mais, fracassaram ante a resistência e o valor do proletariado revolucionário. Contudo, a Entente, poderosa, dona do mundo, não depôs as armas, não perdeu a esperança de aniquilar a nossa revolução e de restabelecer a pútrida democracia.

Além disso, ajudou o general do antigo império, o barão Wrangel, a congregar as forças contra-revolucionárias; lançou contra nós a Polónia; incitou a Roménia, a Hungria e outros países, e continua ainda fornecendo oficiais, armas e dinheiro a todos os inimigos da Rússia revolucionária.

Companheiros: o nosso heróico povo tem-se extenuado na luta, morre de fome, carece de medicamentos e aspira à paz e à normalização da sua vida económica. Para isso necessita do vosso energético socorro revolucionário.

Ajudai-nos, quanto antes!

Nós, anarquistas-sindicalistas da Rússia, mau grado as perseguições que sofremos da parte do governo socialista, apesar do nosso completo desacordo com a política do partido governamental, apesar da nossa negação da ditadura do proletariado, quanto mais da ditadura dum partido, ditadura que é um dos grandes factores da desorganização económica e da ausência de vida política no país, ditadura que mata o espírito de iniciativa e a força criadora deste, nós vos dirigimos um veemente apelo para que nos ajudeis a sustentar a Rússia na sua luta contra a burguesia do mundo inteiro.

Companheiros: Cumpri connosco o dever de solidariedade internacional dos trabalhadores, acabando com a d[en]ominação da vossa burguesia, como nós acabámos com a nossa.

Mas não repitais o nosso erro: não introduzais o comunismo de Estado.

Vinde em nosso auxílio!

Não deixeis partir comboios com munições e víveres para os inimigos do proletariado russo, iniciador da revolução mundial; suspendei a produção de armas e munições que a vossa burguesia manda fabricar para os cães danados que lança para a Rússia, foco da revolução mundial; obrigai os governantes a tratar connosco a troca de produtos, enviando-nos máquinas, medicamentos, víveres e vestuários. Mas o mais completo, o mais decisivo auxílio que podeis prestar-nos consiste em fazer a revolução nos vossos respectivos países!

Urge o vosso socorro!

Viva a revolução social do mundo!

Abaixo a burguesia e o Estado, incluindo o Estado proletário!

Viva o regime comunista-sindicalista que conduz à comuna anarquista e repele a ditadura!

Viva a Internacional operária e a Internacional Anarquista!

Avante! O espírito do comunismo livre desenvolve-se sobre a terra!

MAXIMOFF, E. JARIETOUSE, S. MARKUS

[Conselho Provisório Executivo da Federação Russa dos Anarquistas-Sindicalistas]

## OS ANARQUISTAS PORTUGUESES FACE À REVOLUÇÃO RUSSA E AOS PARTIDOS COMUNISTAS

---

[declaração de 1926]

*O aparecimento dos partidos comunistas cuja criação é influenciada primeiramente pela revolução russa e actualmente pela III Internacional, nas mãos do governo russo, enganou muito boa gente.*

*Estes partidos encontraram toda a sua força nas cisões dos partidos socialistas desacreditados pela sua cumplicidade com a burguesia durante o conflito europeu.*

*Não compreendemos a razão por que se dá a estes partidos a designação de revolucionários e se considera que a sua orientação ideológica seja dum carácter social. Os partidos comunistas são partidos de governo, de domínio, de força. Valem o mesmo que todos os partidos burgueses, com a diferença de que possuem uma direcção internacional, à qual têm de se submeter.*

*No princípio da sua constituição estes partidos eram acessíveis a todas as adesões. Actualmente, porém, a III Internacional (de Moscóvia) ordena uma cuidadosa selecção em todos os partidos aderentes, sob vários pretextos. Esta determinação não foi bem aceite por elementos do partido francês, que protestou, resultando cisões no mesmo partido. A Internacional Comunista pretende tornar os partidos comunistas umas delegações políticas e diplomáticas, espécie de secções do ministério dos Negócios Estrangeiros russo, e, ao mesmo tempo, focos de agitação em cada país.*

*A III Internacional comete o erro de impor uma política igual a todas as organizações aderentes, sem querer saber da psicologia de cada país. Um dos objectivos principais dos partidos comunistas é a infiltração nos sindicatos, trazendo-os para a causa comunista. Dada a natureza do sindicalismo, que nunca ingressaria numa Internacional política, constituiu-se em Moscóvia uma Internacional Sindical Vermelha que não é mais que um secção da Internacional Comunista e um chamariz aos sindicatos revolucionários que, apesar de tudo, com raras excepções, não se sentem atraídos para lá. E neste facto, os anarquistas, tão odiados por aqueles partidos, têm uma influência preponderante.*

*Os anarquistas, os sindicalistas revolucionários, têm sido admiráveis no combate a estes partidos intrusos, que têm feito uma obra de destruição, de dispersão de forças, não conseguindo, apesar das perseguições do governo russo e apesar das traições nos outros países, aniquilar, manchar e diminuir o ideal anarquista. E nas ruínas do movimento revolucionário, os anarquistas lutam, repelem esses partidos comunistas que pretendem subor[di]nar tudo ao seu poder.*

*Somos a facção mais revolucionária, mais aguerrida e mais preste do movimento português. O nosso sentimento de independência é tão forte que nenhum partido político, nem mesmo o comunista, cujo embate fomos os primeiros a sofrer, conseguiu absorver-nos. A grande parte dos revolucionários presos são Jovens Sindicalistas. Mas falta que a Juventude Sindicalista afirme a sua vontade, defina o seu pensamento, em meio do confucionismo que na falange revolucionária lavra.*

*Em face do PC devemos afirmar a nossa aberta hostilidade, negando-lhe a qualidade de revolucionário porque é um partido de dissolução, de domínio, e de governo. Combatê-lo-emos, como combateremos os partidos burgueses, como desmascaramos todos os traficantes da ideia revolucionária. Nada de entendimentos com semelhante partido que pretende absorver-nos e asfixiar-nos.*

“Tese de princípios a apresentar no II Congresso Nacional  
das Juventudes Sindicalistas pela sua Comissão Organizadora”, Lisboa, Março de 1926  
[BNP/Arquivo Histórico-Social/Colecção João Freire – Caixa 204]